

Mês de Portugal nos EUA

Pág. 4

Residências artísticas
**Acordar
e pensar
em Lisboa**

Pág. 2/3

Residência de Jorge Dias Acordar e pensar em Lisboa

Veio atraído pela possibilidade de refletir sobre o seu trabalho, mas também pela possibilidade de estabelecer contactos a diversos níveis. Sobre esta sua passagem por Lisboa, a 5ª, depois de um interregno de sete anos, está a produzir um relatório, que, quando foi entrevistado, mesmo no termo da sua estadia, já ia nas 50 páginas, das quais espera “extrair pelo menos 10 a 12 textos, que vão falar sobre os artistas moçambicanos que estão aqui, do meu olhar sobre a cidade, sobre os museus e sobre as pessoas, e um pouco sobre tudo...”

Jorge Dias (Maputo, 1982) é um dos mais conhecidos artistas plásticos moçambicanos contemporâneos. Mas o seu percurso conta também com incursões significativas na escrita sobre arte, na docência, na curadoria e na direção de instituições ligadas às artes. É atualmente diretor do Centro Cultural Brasil-Moçambique, em Maputo. Esteve em Lisboa, em maio, no âmbito da 4ª edição do programa anual de residências artísticas, resultante de um protocolo entre o Camões/Centro Cultural

Português (CCP) de Maputo e a Câmara Municipal de Lisboa.

Criado em 2015, o programa destina-se “a artistas visuais e/ou fotógrafos, de nacionalidade moçambicana ou residentes em Moçambique há mais de dez anos, que já tenham currículo na área e pretendam desenvolver um projeto coerente, consistente com o seu percurso artístico, pertinente na proposta de relação com a cidade de Lisboa e com reconhecido interesse no âmbito da arte contemporânea”.

Já o interesse dos artistas moçambicanos em participarem nesta residência – “bastante concorrida desde a 3ª edição” – deve-se, segundo este antigo diretor e docente da Escola de Artes Visuais de Maputo, ao “trabalho feito pelo Instituto de Camões [Centro Cultural Português/CCP] em Maputo, que é notável”. O CCP, acrescenta ele, “tem estado a desenvolver bastante (...) tudo o que tem a ver com a arte contemporânea, a fotografia e a arquitetura”, um trabalho que permite aos criadores moçambicanos estabelecer contactos e ligações com pessoas

e instituições, “o que de alguma forma é prestigiante e bastante raro para os autores moçambicanos”.

São essas possibilidades, classificadas por Jorge Dias como “um lado bastante positivo”, que levam o também antigo curador (2007-2010) e diretor-adjunto do Museu Nacional de Arte de Maputo a diferenciar o programa CCP/CML de residências que têm surgido em Moçambique, “muito voltadas para o trabalho de produção de ateliê”.

O QUE AMARROU A CANDIDATURA

Antes de apresentar a proposta vencedora ao concurso para a residência, Jorge Dias conversou “bastante” com outros artistas que estiveram em Lisboa no âmbito do programa e “o retorno foi sempre muito positivo” em relação à experiência em Lisboa, uma cidade que, sublinha, tem sido “cada vez mais central no contexto da arte contemporânea na Europa e no mundo”, não só pelas exposições como pelas pessoas que ali circulam.

Mas veio também como consequência da sua própria história, “que

tem muito a ver com os meus pais, com as cidades em que eu andei”. Há um triângulo, “que tem a ver com Moçambique, Brasil e Portugal, país onde eu nasci, país onde eu me formei, país que tem essa relação de afeto e também de paternidade”. “Foi este programa que amarrou toda essa minha candidatura”, diz.

Apesar deste foco nos contactos e na cidade e não tendo vindo “com as coisas formatadas para produzir um trabalho”, Jorge Dias produziu “dois casulos no ateliê do programa de ‘portas abertas’”, que decorreu em maio no complexo dos Coruchéus, onde os artistas

residentes puderam mostrar o trabalho que estavam a desenvolver e o artista plástico moçambicano dispôs de um espaço. “Foi nele que eu tive o meu contacto com autores que vivem aqui em Portugal, em Lisboa”, diz.

Jorge Dias tem o seu projeto criativo – em que sobressaem os objetos característicos da sua obra, como os casulos –, que começou a desenvolver em 2000, no Rio de Janeiro, passando depois por Maputo e por Schwerin, na Alemanha, etapas por ele referidas.

No entanto, no seu dizer, a residência foi “enriquecedora” sobretudo porque lhe deu a oportunidade de visitar museus e galerias, de “perceber como funciona de perto esta dinamização, os fluxos, as políticas”. Conversou com as pessoas envolvidas, tanto os artistas como os galeristas. Nalguns museus, teve “o privilégio de conversar, de ter um acompanhamento direto dos serviços educativos ou dos diretores dos museus”. “Na verdade eu preciso de ter essas experiências todas.

Faz três referências: a Faculdade de Belas Artes, o Museu Bordoalo Pinheiro e o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA). Na visita à primeira instituição, que classificou como um momento “enriquecedor”, registou o interesse da escola em estabelecer um protocolo com Moçambique e já a pôs em contacto com o ISARC (Instituto



Jorge Dias

Alemanha 3.ª Edição das Lusitaníadas



FOTO PAULO SOUSA

Dezenas de alunos dos cursos de língua portuguesa de 12 localidades do norte da Alemanha participaram, em maio último, na 3ª edição das Lusitaníadas, uma jornada de atividades desportivas e recreativas que decorreu na escola Kippenberg Gymnasium, em Bremen.

A jornada foi organizada pela rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE), em colaboração com a comunidade portuguesa local, as comissões de pais, a Embaixada de Portugal em Berlim

e o Consulado-Geral de Portugal em Hamburgo

Acompanhados pelos professores, familiares e membros da comunidade portuguesa, os jovens participaram num programa que incluiu um torneio de futebol de 5 com equipas mistas, um almoço convívio de confraternização e um concurso de talentos.

Os jovens, todos alunos dos cursos EPE, mostraram as suas capacidades artísticas em desenho, canto, dança, música, teatro

e leitura. No final, foram entregues prémios aos três primeiros classificados em cada área de talento.

As Lusitaníadas têm por objetivos incentivar a frequência dos cursos EPE, o empenho e o estudo dos alunos; promover a língua e a cultura portuguesas e valorizar o trabalho em contexto de sala de aula; promover a cidadania e espírito de grupo e divulgar os cursos existentes junto das comunidades/localidades e aprofundar a relação de amizade e de cooperação entre alunos e professores das diferentes cidades envolvidas, indica Rui Vicente Azevedo, coordenador da rede EPE na Alemanha.

Fazem parte de um conjunto de atividades propostas pelos 35 professores do ensino básico e secundário e pelos 11 docentes colocados em universidades alemãs, que integram a rede EPE na Alemanha.

À medida que o projeto se vai consolidando, tem-se vindo a registar uma maior adesão, quer do público presente quer dos jovens participantes e suas famílias. A própria comunidade portuguesa tem revelado maior interesse pelo evento, em consequência do crescimento do projeto que se tem refletido no aumento de apoios e patrocínios, acrescenta Rui Vicente Azevedo, que salientou “o empenho e o entusiasmo dos professores organizadores do evento” e a disponibilidade evidenciada pelos membros da comunidade portuguesa local e pelo diretor da escola.



‘Camões dá que falar’

Língua e Ciência foi o tema da 5ª edição, a 23 de maio último, das conversas mensais promovidas no seu auditório pelo Camões, I.P., de que foi conferencista a Presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza



Exposição do artista plástico moçambicano Jorge Dias no Centro Cultural Português de Maputo em 2017

Superior de Artes e Cultura) de Maputo, porque, diz, a residência “também tem esse lado de negociação, que eu acho extremamente importante, uma vez que também estou envolvido com instituições em Moçambique”.

Na segunda, deu conta que “o trabalho do artista deste museu tem muitos pontos de ligação com algumas coisas que eu tenho tentado

fazer”. “Ficou muita coisa por ser feita”, mas “houve uma abertura enorme desta instituição e muito interesse da minha parte em levar para Moçambique algumas coisas”.

Sobre o MNAA, as palavras de Jorge Dias são elogiosas, considerando que o museu é “fantástico” e conseguiu “superar-se e responder àquilo que são os desafios atuais”. Ali, foi-lhe possível “ver como é

que um museu pode reafirmar-se” e tornar-se mais aberto, “tendo uma coleção, uma exposição de um outro período mais antigo”. A experiência deste museu “vai ser muito boa naquilo que tem a ver com o nosso Museu Nacional de Arte de Maputo”, onde um dia – promete Jorge Dias – vai voltar.

Para já vai colocar estas questões ao atual diretor do Museu Nacional de Arte de Maputo e ver se há possibilidade de cooperar com Portugal e a cidade de Lisboa.

“No fundo, tinha dois grandes objetivos que eram exatamente esses: era o meu trabalho, olhar para mim como ator, porque infelizmente tenho períodos longos em que não consigo refletir, estar voltado para aquilo que eu faço, por causa de uma série de atividades em que estou envolvido; por outro lado, tenho interesse naturalmente em estabelecer pontes com as instituições daqui”, sintetiza.

DEPOIS DO MUVART

Um dos fundadores do MUVART, movimento de artistas plásticos que trouxe, no início deste século, uma pequena revolução à posição da arte contemporânea em Moçambique, subtraindo-a à ameaça folclorista, Jorge Dias veio também à procura de um grupo de artistas moçambicanos que trabalham em Lisboa, fora de Lisboa e no Porto, “que o interessam bastante”. “Tive

o privilégio, e eu digo privilégio mesmo – porque a gente só fala com eles muito rapidamente – de me sentar com eles” e abordar o papel do artista moçambicano fora do seu país e “ver quais são os desafios que eles encontram”. Esteve, assim, com Suse Bila, Frank Taluma, Piri e “mais dois artistas que estão no Porto”. Foi “desconstruindo alguns preconceitos” e “ideias pré-concebidas” que tinha em relação ao envolvimento desses artistas com a cidade e com as políticas existentes em Portugal. E também esteve com “amigos portugueses, artistas que também trabalham com a arte contemporânea moçambicana”.

Nesta linha inquiridora sobre o que está a acontecer, este teorizador moçambicano da arte contemporânea preocupa-se agora com “a falta de uma crítica, ou de uma análise crítica, sobre trabalhos, sobre o que está sendo feito hoje”.

Para trás ficou o MUVART, que “perdeu força” a partir de 2006, quando já tinham sido alcançados os seus objetivos – por um lado, “pôr cada vez mais artistas a produzir, a trabalhar, a pensar mais sobre os seus trabalhos, longe daquelas molduras estabelecidas do que é entendido como a arte moçambicana” e, por outro, promover a circulação, dentro e fora de portas, da arte contemporânea, através da “mudança de políticas e das instituições do estado moçambi-

cano”. Grande parte dos membros MUVARTE “estão hoje vinculados a instituições universitárias ou então ao próprio Estado”, diz.

Agora a questão é outra: “muita coisa passou e não foi registada. As coisas esquecem-se muito rápido. É agora preciso organizar todo este produto, escrever sobre isto”, sublinha, acrescentando: “este é o grande desafio”. “Há uma produção, há programas, há políticas, há tudo, mas está a faltar escrever sobre isso, registar: onde está, quem são, onde é que estão, o que é que estão a fazer”, sintetiza Jorge Dias. Dá como exemplo, o Camões/CCP de Maputo, que tem feito “um trabalho notável”, inclusive publicando alguns livros. “Precisamos de outras instituições que façam o mesmo”.

Seja como for, Jorge Dias não abdica de dar continuidade à sua produção escrita. Tem em projeto apresentar como ‘produto’ da residência em Lisboa um pequeno livro sobre as questões que ocuparam durante o mês de maio de 2018 em Lisboa. Espera que seja lançado em Maputo e em Lisboa.

Foram 33 dias em que, diz, pôde “acordar, pensar no trabalho artístico, pensar em toda a dimensão da cultura, partindo de mim, em relação com as pessoas, com a cidade, com situações, com Moçambique”. Ao regressar a Moçambique já olha de maneira diferente Lisboa, diz. “Ainda bem”, garante.

Alemanha Seminário sobre ensino do português na Freie Universität

■ Cerca de 60 professores universitários de Português Língua Estrangeira (PLE) da Alemanha e da Suíça participaram em maio num seminário na Freie Universität (FU) de Berlim com o objetivo de apresentar e discutir problemas didáticos do ensino do PLE nas universidades alemãs e celebrar o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.

O seminário foi organizado pelo Centro de Línguas da FU e pela Coordenação do Ensino Português no Estrangeiro junto da Embaixada de Portugal em Berlim, contando também com o apoio do Camões, I.P.

As boas vindas e a introdução ao tema estiveram a cargo do Vice-Presidente para os Assuntos Internacionais da FU, Klaus Mühlhahn, tendo falado depois o embaixador de Portugal na Alemanha, João Mira Gomes, o embaixador do Brasil, Mário Vilalva, assim como o Presidente do Camões, I.P., Luís Faro Ramos, que se referiram à geopolítica da língua portuguesa e à importância do seu valor económico e do seu carácter transcontinental.

A diretora do Centro de Línguas da FU, Ruth Tobias, abordou a posição dos estudos de língua portuguesa no seu departamento, o aumento do número de alunos interessados e a importância da investigação na didática do PLE. A apresentação dos trabalhos de investigação esteve a cargo de professores da FU, professores convidados especialistas da matéria em universidades alemãs, e de dois professores visitantes de universidades portuguesas – Isabel Oliveira Duarte e Paulo Feytor Pinto.



Embaixador de Moçambique, Embaixadora de Cabo Verde, Embaixador do Brasil, Vice-Presidente da Freie Universität (FU), Embaixador de Portugal, professora Isabel Oliveira Duarte, Presidente do Camões I.P., professor Paulo Feytor Pinto e diretora do Centro de Línguas da FU

Residências artísticas com “retorno positivo”

■ É “muito positivo” o retorno recebido pelos artistas plásticos moçambicanos que têm participado no programa de residências em Lisboa, iniciado em 2015 graças a um protocolo celebrado entre a Direção de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa (CML) e o Camões/Centro Cultural Português de Maputo.

Quem o afirma é o diretor daquele departamento municipal, Manuel Veiga, gestor e consultor cultural, que elenca a internacionalização da cidade de Lisboa no campo cultural e o fomento de projetos artísticos e culturais, bem como da troca de experiências entre criadores de língua portuguesa, entre os objetivos do programa de residências.

Manuel Veiga, que aponta ainda como objetivo da parte do município a dinamização das residências artísticas que a CML tem na cidade – as 4 residências da Boavista, na rua das Gaivotas – constata também um “acréscimo de candidaturas”, o que para ele indicia “ser sintomático do sucesso que o programa também estará a ter junto da comunidade artística em Maputo”.

A 4ª edição daquele programa de residências dedicadas às artes visuais e à fotografia teve lugar em maio deste ano, com a estadia em Lisboa do artista plástico, professor, curador e autor moçambicano Jorge Dias (v. texto principal). Antes dele estiveram em Lisboa os artistas plásticos moçambicanos Félix Mula (2015) e Eurídice Kala (2016) e o fotógrafo Mário Macilau (2017).

No decurso das residências, a câmara lisboeta, além de disponibilizar o espaço onde os artistas ficam alojados, procura apoiá-los a diversos níveis, quer através de um acompanhamento especializado quer facilitando o acesso dos criadores a outras instituições culturais na cidade de Lisboa. Manuel Veiga dá o exemplo de Jorge Dias, que “teve a possibilidade de ir à AR.CO Lisboa, que é uma feira de arte contemporânea.

“Acho que tem corrido bastante bem, tentando ir sempre ao encontro das expectativas profissionais e pessoais também. No fundo, acolhê-los o melhor possível”.

Uma das preocupações do responsável cultural municipal é que “as residências se prolonguem de alguma forma no trabalho dos artistas, na própria relação com a cidade”. E, de facto, em Maputo têm sido feitas exposições com os artistas que passaram

por este programa de residências em Lisboa. O objetivo é “dar de alguma forma continuidade às residências, para elas não se esgotem em si próprias”.

EVOLUÇÃO

Depois do protocolo assinado diretamente entre a CML e o Camões/CCP de Maputo, dirigido por Alexandra Pinho, o município estabeleceu “um protocolo mais amplo de colaboração com Instituto Camões [Camões, I.P.], e não já com o Centro Cultural Português de Maputo, com um âmbito mais genérico, uma vez que não se cinge a Maputo e não se cinge às Artes Visuais e à fotografia”. “A nossa ideia foi alargá-lo a outros centros culturais ou outros ramos do Camões no mundo, se assim ambos o desejássemos, (...) e a outras áreas artísticas”.

Foi assim que surgiram, já no ano passado, as residências de dança, neste caso com o CCP da Cidade da Praia, em Cabo Verde. “Tivemos já duas residências, com a diferença de serem bidirecionais. Ou seja, nós enviámos uma artista portuguesa que esteve na Cidade da Praia, a Sara Anjo, e depois veio uma artista cabo-verdiana para cá, a Sara Estrela. Há aqui esta diferença. No fundo evoluímos...”, refere Manuel Veiga.

A Câmara de Lisboa está aliás aberta a residências noutras áreas. “Se achamos interessante fazer uma residência artística numa área ligada à literatura, pois poderia ser por aí”. A literatura é uma das áreas em que a Direção Municipal de Cultura pensa poder vir a desenvolver.

Além dos dois programas de residência a CML tem outros. Manuel Veiga destaca o programa de intercâmbio com Budapeste, também na área das artes plásticas, que já decorre desde 1998. É um programa bidirecional. “Enviamos dois artistas portugueses, que têm uma estadia de um mês em Budapeste, e vêm também dois artistas húngaros para Lisboa onde ficam um mês”.

O diretor municipal de cultura de Lisboa refere que “vão existir muito brevemente outros espaços físicos residência”. Quatro antigas casas de função no Parque Florestal de Monsanto estão neste momento a ser transformadas para receber artistas. “Vão ser novos equipamentos que vamos ter nesta área”, sublinha.

Cineastas portugueses nos Rencontres Paris/Berlim

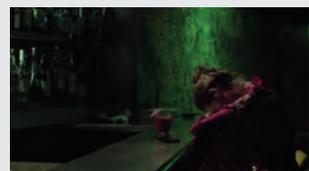


❗ Obras de quatro cineastas portugueses integram a programação berlinense da edição deste ano dos *Rencontres Internationales Paris/Berlim 2018*, que está a decorrer na capital alemã até 24 de junho.

Os *Rencontres* oferecem habitualmente um espaço para descobrir e refletir sobre o cinema e arte contemporâneos, através de atividades de networking, exposições, exposições e performances.

Os quatro cineastas que integram o programa são Pedro Costa, Mónica M. Nunes, vencedora do prémio *Golden Dove - International Competition Short Documentary*, no DOK Leipzig 2017, que irá apresentar *The Ashes Remain Warm*, Carlos Pereira, com *Ghost Stories* e Salomé Lamas que apresenta *Ubi Sunt*. Os três últimos estarão em Berlim a acompanhar a apresentação dos seus trabalhos.

Para além dos quatro cineastas, também estarão presentes Emília Tavares, curadora do MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea do



Os filmes de Mónica M. Nunes, Carlos Pereira e Salomé Lamas (de cima para baixo)

Chiado, e Miguel Valverde, diretor do Indielisboa.

Os *Rencontres* contam com o apoio do Camões/Centro Cultural Português em Berlim.

Isabela Figueiredo vencedora de Bolsa de Residência Literária em Berlim



❗ Isabela Figueiredo é a vencedora da 3ª edição da Bolsa de Residência Literária promovida pela Embaixada de Portugal na Alemanha/ Camões Berlim.

A residência tem lugar no próximo mês de outubro, durante o qual a autora estará na Alemanha, estando programadas leituras públicas e encontros profissionais com editores alemães na Feira do Livro de Frankfurt entre 10 e 14 de outubro.

Esta Residência literária surgiu como parte de programa plurianual da Embaixada de Portugal/Camões Berlim de divulgação internacional de autores portugueses, composto por uma série de iniciativas entre as quais se destacam a representação nacional na Feira do Livro de Leipzig, onde Portugal será País Convidado em 2021, a visita de editores alemães à Feira do Livro de Lisboa e um programa de leituras na Feira do Livro de Frankfurt.

A autora de obras como *Caderno de Memórias Coloniais* e *A Gorda* integrou a delegação de autores que este ano compuseram a representação nacional na Feira do Livro de Leipzig, tendo os direitos do *Caderno de Memórias Coloniais* sido adquiridos nesse contexto para publicação na Alemanha pela Weidle Verlag.

Na primeira edição, em 2016, a Bolsa foi atribuída à autora Patrícia Portela e, no ano seguinte, ao escritor Rui Cardoso Martins.

Grada Kilomba na Bienal de Arte de Berlim



❗ A edição de 2018 da Bienal de Arte Contemporânea de Berlim conta no programa oficial com a presença de Grada Kilomba, artista interdisciplinar portuguesa, cuja obra aborda questões em torno dos temas da memória, da raça, do género e da descolonização.

Kilomba reside em Berlim e o seu trabalho tem vindo a ser exibido em diversos contextos internacionais, como a Documenta 14, em Kassel, a 32ª Bienal de

São Paulo, a Art Basel, o museu Bozar em Bruxelas, e o Maxim Gorki Theater, entre outros.

Em 2017 apresentou pela primeira vez o seu trabalho em Portugal, com exposições individuais na Galeria Avenida da Índia, no MAAT - Museu de Arquitetura, Arte e Tecnologia, e com reflexões e conversas no Teatro Maria Matos e no HANGAR. 10ª edição da Bienal de Arte Contemporânea de Berlim decorre este ano até 9 de setembro, sob o lema este *We don't need another hero*.

Mês de Portugal nos EUA Muita arte, música e cinema



❗ Arte, muita arte portuguesa pode ser ainda apreciada pelo público norte-americano no 'Mês de Portugal' nos Estados Unidos que decorre até 30 de junho (e, no caso de alguns eventos incluídos na programação, ainda depois dessa data), numa organização da Embaixada de Portugal em Washington, com o apoio de diversas entidades, entre as quais o Camões, I.P.

Se a política e a economia também estão presentes na programação, as artes plásticas dominam o 'Mês de Portugal', que terá também na música, já a 23 de junho, um momento particular com um concerto no Rumsey Playfield do Central Park de Nova Iorque por Marisa, Noiserv e Renato Diz, organizado em parceria com a produtora SummerStage da City Parks Foundation pelo Arte Institute, uma organização que será igualmente responsável a 22 de junho, em New Bedford, pela edição deste ano do *NY Portuguese Short Film Festival*.

O concerto coroa o dia em que terá lugar a *Inaugural Portuguese-American National Conference*, em Washington, com a presença do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, e do

ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, em que participam luso-americanos eleitos para os congressos federal e estaduais, e estruturas locais, e membros destacados da comunidade luso-americana e das estruturas representativas - oficiais e associativas - da comunidade.

É amplo o espectro geográfico do Mês de Portugal que abrange em 60 cidades, além do distrito federal, Washington DC, os estados norte-americanos da Califórnia, Colorado, Connecticut, Massachusetts, Flórida, Nova Jérsei, Nova Iorque, Pensilvânia, Rhode Island, Texas e Virgínia.

Mas o destaque da programação vai mesmo para a mostra de pinturas de Maria Helena Vieira da Silva, bem como uma tapeçaria de Portalegre, a partir das coleções do próprio museu e do Museu Gulbenkian, em Lisboa, que está a decorrer até 30 de junho na galeria *Rose Benté Lee* do National Museum of Women in the Arts, em Washington DC.

Outras mostras de arte incluem a exibição no Phillips Collection Museum, também até dia 30 e em Washington DC, da pintura de Julião Sarmento *Tirar*

a renda e soprar na flor (to take off the lace and blow the flower), que pertence a um conjunto de 20 pinturas e uma projeção holográfica apresentadas no pavilhão de Portugal na Bienal de Veneza, em 1997, dedicadas ao libertino e memorialista italiano Giacomo Casanova; ou ainda a exposição de arte contemporânea portuguesa *Second Nature* - no Kreeger Museum, de Washington DC, até 31 de julho -, que compreende 38 trabalhos da coleção da EDP no MAAT, com curadoria da historiadora de arte Luísa Especial e do diretor do MAAT, Pedro Gadanho.

A arte não se esgota aqui: em Hayward, na Califórnia, a Sumn Gallery apresenta até 30 de junho a exposição *Life to Art, a Portuguese American story in Art*, em Providence, Rhode Island, até 30 de junho na Sol Koffler Gallery - Rhode Island School of Design (RISD), a exposição *How Do We Pronounce Design in Portuguese?* 2000-2018, e em Richmond, na Virgínia, no Museum of Fine Arts, a exposição *Contemporary Art from Portugal*.

A programação inclui ainda dois momentos dedicados a Aristides Souza Mendes, com uma exposição dedicada ao diplomata português - que com a sua ação salvou milhares de judeus durante a II Guerra Mundial em França - no New Bedford Whaling Museum, New Bedford, Massachusetts, e a exibição do filme *Disobedience - The Sousa Mendes Story*, no Avalon Theater, em Washington DC.

Na música, para além do centro em Central Park, Nova Iorque, o grupo Danças Ocultas toca a 25 de junho no Millennium Kennedy Center, em Washington DC, onde já se pôde ouvir *Áurea* a 3 de junho, Pedro Burmester e Mário Laginha a 4 e Camané e Nathalie Pires a 13.

Luxemburgo Exposição de Pedro Vaz



Phoenix, e *Superstition Wilderness*, na Galeria Enrique Guerrero, Cidade do México.

Nas *Superstition Mountains*, a paisagem «aparenta ter sido formada para cenário de eventos ficcionados e não reais», lê-se numa nota de imprensa da exposição. «Uma visita permite provar que é real. Uma coisa ser verdadeira torna-a ainda mais fantástica, e aqui é esse o caso. A luminosidade é seca e ocre. Os catos que pontuam a paisagem parecem ter propriedades anímicas, (...). A sobrevivência humana é uma concessão a prazo, devido às temperaturas elevadas e segura extrema; neste ambiente, estes seres vegetais imóveis, por vezes antropomórficos, iludem ser habitantes animados, e de facto são-no, em forma vegetal e com um tempo mais lento que o humano, mas na genealogia direta das histórias fantásticas».

A nota cita Javier Ramirez Limón, que refere aquela carga fantástica nas pinturas de Pedro Vaz, ao dizer que «estas imagens - manto, flutuantes pela sua pátida luminosidade, ocre e dourada, sugerem uma proximidade tátil ao elemento topográfico e, em consequência, à sua dimensão mítica e lendária».

❗ A exposição *Superstition Wilderness*, do artista plástico português Pedro Vaz (Maputo, 1977), em mostra no Camões/Centro Cultural Português do Luxemburgo até 4 de julho, apresenta, pela primeira vez na Europa, um conjunto de trabalhos desenvolvidos em 2017, com base numa expedição às *Superstition Mountains*, no deserto do Arizona, Phoenix, EUA.

O Projeto *Superstition Wilderness* partiu da residência *Onloaded*, desenvolvida no Phoenix Institute of Contemporary Art, Phoenix, EUA, em fevereiro e março de 2017. Deu anteriormente origem à exposição *Peralta to Boulder Canyon*, no PHICA,

A nota indica ainda que «o trabalho de Pedro Vaz tem como tema central a criação de paisagem», o que torna pertinente as expedições que realiza para o trabalho de pesquisa, apesar de, hoje em dia, se poder estar 'presente' e observar os locais de forma remota.

Pedro Vaz, que vive e trabalha em Lisboa, graduou-se em 2006 em Artes Plásticas - Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Apresentou exposições na Cidade do México, Phoenix, Porto, Torre di Mostro (Itália), São Paulo, Lisboa e está presente na exposição *Second Nature: Portuguese Contemporary Art from the EDP Foundation Collection*, no The Kreeger Museum, em Washington D.C.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Luís Faro Ramos

COORDENAÇÃO Vera Sousa

COLABORAÇÃO Carlos Lobato